

Brasil

Volta da confiança demora

■ Para diretor do Citibank, país terá fase de descrédito que deve durar até dois anos

NELSON FRANCO JOBIM

LONDRES - Mesmo que o pacote fiscal do governo dê certo e que a comunidade internacional libere uma grande ajuda ao Brasil, o país vai precisar de "muitos meses, talvez uns dois anos" para recuperar a confiança dos investidores internacionais. A previsão foi feita ontem pelo economista Alex Mainero, diretor de finanças corporativas do Citibank em São Paulo, ao participar da terceira conferência anual Brasil para Investidores, realizada pela Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca).

Na possibilidade mais otimista, Mainero acredita que "a médio prazo, se metade do que for prometido ao Fundo Monetário Internacional (FMI) for feito, metade das empresas vão melhorar. Existe um excesso de liquidez no mercado internacional e um excesso de opções. Há uma concorrência por recursos entre o Brasil, o México, a Índia, a Coréia. No momento, há poucas alternativas ótimas". Ele está confiante na participação de bancos privados no pacote de ajuda ao Brasil: "O co-presidente do Citicorp, Sandy Weills, e Bill Rhodes estiveram com Fernando Henrique na quinta-feira. É a terceira vez em um mês. Os grandes bancos privados que já têm linhas de crédito para o Brasil têm interesse. Teriam muito a perder".

Oportunidades - Alguns analistas, como Christopher Palmer, diretor de mercados emergentes da Gartmore Investment Management, um dos maiores fundos de pensão britânicos, vêem grandes oportunidades de compra de ações hoje no mercado brasileiro, porque "os preços estão muito baixos. Houve uma reação exagerada. O investidor estrangeiro está voltando porque o Brasil tem potencial".

Um exemplo apresentado por Palmer é o caso da Gerasul, comprada a R\$ 4 por ação. As ações custam R\$ 1,20 hoje no mercado, comenta ele. "A Telecom da Itália pagou caro por uma concessão de telefone celular. Com o capital deles, administradores locais e o potencial do mercado, eles não podem se dar mal. Agora você compra ações dessa empresa por 10%

do valor. Talvez o controle da empresa, do capital votante, seja mais importante no Brasil. Mas há tremendas oportunidades. Isto não quer dizer que o Brasil não tem problemas. Tem um problema de curto prazo. O investidor e os analistas estrangeiros estão observando o investidor brasileiro. Quando o capital nacional for repatriado o investidor estrangeiro sentirá mais confiança."

Lucro certo – Palmer está investindo em telecomunicações, energia elétrica, supermercados e fábricas de bebidas, em nichos do mercado, setores especialmente escolhidos onde, na sua opinião, o lucro é certo.

Apesar disso, Mainero não espera uma retomada rápida do investimento externo: "O medo é maior. Esta é a pior crise econômica em 50 anos. Com a globalização, o mundo é uma unidade e vários países quebraram. Os investidores estão examinando os mercados com uma lupa. É como comprar um apartamento num bairro deteriorado. Você vai pagar R\$ 30 mil por um apartamento num bairro ruim? Está barato, mas você desconfia".

Além da questão do déficit fiscal, "o Brasil há pouco tempo, tinha hiperinflação", lembra Mainero. "O Brasil é um mercado emergente há quatro anos. Nunca houve controle das contas públicas. Existe desvio de verbas, superfaturamento em obras, em outras palavras, corrupção. Podem dizer que é o país do futuro, que está acontecendo, é como a Espanha ou a Itália, tem corrupção e desorganização, mas funciona. Mas não é bem assim. Até os Estados Unidos estão sofrendo com esta crise".

O mercado sabe que o Brasil não é a Rússia ou a Indonésia, "vai devagar, mas funciona", acrescenta o diretor do Citibank.